

Paulo Nogueira: um olhar analítico que se transforma em poesia

Paulo Nogueira: An analytical gaze that turns into poetry

Paulo Nogueira: Un regard analytique qui se transforme en poésie

Paula Fortunato¹, Paulo Nogueira² e Pedro S. Bello³

(1) Introdução

(2) Poesia

(3) Fotografia



Paulo Nogueira é professor, investigador e poeta

Licenciado em Matemática Aplicada, mestre em Probabilidades e Estatística e doutorado em Saúde Internacional (Políticas de Saúde e Desenvolvimento), Paulo Nogueira tem décadas de experiência na aplicação da estatística à saúde e no ensino da matemática e da bioestatística. Autor de mais de 150 artigos científicos, construiu uma carreira digna de nota, marcada pela investigação aplicada e pela colaboração internacional. Foi diretor de Informação em Saúde da Direção-Geral da Saúde e desempenhou papéis estratégicos no ECDC (Centro Europeu de Prevenção e Controlo das Doenças) e na Organização Mundial da Saúde, destacando-se na análise de dados da pandemia de COVID-19. Entre os seus projetos pioneiros está o desenvolvimento do primeiro sistema europeu de vigilância do calor, implementado em Portugal em 1999 e ainda em funcionamento. A sua trajetória profissional conjuga ciência, gestão pública e inovação em saúde.

Mas o que hoje nos convoca a atenção não é o cientista, o académico ou o gestor. É o outro Paulo Nogueira: o que troca números por palavras sempre que quer refletir sobre o mundo. É na poesia que encontra caminhos para compreender e transmitir o invisível; é nela que se permite “entreolhar” e nos permite espreitar levemente o seu mundo

<https://doi.org/10.25761/anaisihmt.551>

interior. O olhar analítico, treinado para ler padrões e probabilidades, transforma-se aqui em sensibilidade estética, em poesia, numa busca de sentido e de beleza.

Escolhemos estes dois exemplos da sua obra poética, que já integra várias coletâneas, como reforço do diálogo entre ciência e arte, um diálogo mediado pela experiência humana, onde coexistem histórias de busca de sentido e a procura de conexão com o outro. Ciência e arte partilham, assim, as mesmas inquietações diante da fragilidade da vida. “Alma em Fogo” (2013), “2073” (2014), “Comércio de Ilusões” (2015) e “Obras Imperfeitas” (2017) são quatro coletâneas da sua poesia que revelam a sensibilidade e o olhar atento de Paulo Nogueira sobre diferentes dimensões da experiência humana.

Nos dois poemas aqui publicados, “A porta nunca se fecha” e “Entre o Entreolhar”, escolhidos de um conjunto que o autor partilhou com os ANAIS do IHMT, Paulo Nogueira demonstra a sua atenção à linguagem como instrumento de reflexão. Nestes apontamentos da sua obra poética, aborda temas universais como a esperança, o tempo, a memória e a transcendência, explorando a transição entre o real e o simbólico, partes de “um mundo que insiste em esconder-se”. Um mundo que investiga cientificamente, mas que também procura compreender para além dos sentidos que a ciência desvenda. Escolhemos estes dois exemplos da sua obra poética, que já integra várias coletâneas, como reforço do diálogo entre ciência e arte, um diálogo mediado pela experiência humana, onde coexistem histórias de busca de sentido e a procura de conexão com o outro. Porque ciência e arte partilham inquietações face à fragilidade da vida.





Figura 1: Star trek. Praia da Adraga, Sintra, Portugal. 2012

Entre o Entreolhar

Entretenho-me com palavras,
que dançam no silêncio do ser,
entrevejo o que há nas entrelinhas,
um mundo que insiste em esconder-se.

Entreolho almas e rostos,
buscando um sentido no olhar do outro,
entrevindo o futuro em lampejos,
como estrelas que mal posso tocar.

Entremeio memórias e desejos,
tecendo histórias no fio do tempo,
entreouço sussurros do vento,
segredos guardados do firmamento.

Entre tudo e nada, aqui estou,
navegando no mar do “entre”,
onde a vida se faz e desfaz,
e o instante é o que sempre se sente.

Que o “entre” seja morada,
abrigo de quem quer criar.
Pois é no intervalo das coisas,
que o infinito nos entre-encontra.

A porta nunca se fecha

A porta nunca se fecha
Não há pontos finais - há pontos
Não há escassez - há abundância
Há plenitude de tudo o que desejas
e com que és feliz quando se torna real
antes do seu acontecer

A esperança nunca parte
A esperança nunca te abandona
Há apenas breves momentos - em que o acreditas
Há apenas momentos em que o necessitas
Em que desejas que a esperança chegue
Renovada e inesperada

A porta nunca se fecha: não há porta
Há esperança - sempre -, mesmo quando a tua ilusão
se finge ausente



Figura 2: La Fresque des Lyonnais. Lyon, França. 2019



Pedro S. Bello é um apaixonado pela fotografia, não como mero registo, mas como pretexto para partir à descoberta do mundo e, simultaneamente, para permitir que o mundo o descubra. As fotografias que ilustram os poemas “Entre o Entreolhar” e “A porta nunca se fecha” foram escolhidas por Pedro S. Bello, numa interpretação visual e sensível das palavras de Paulo Nogueira. Para além de fotógrafo amador, Pedro dedica-se ao voluntariado na Associação Acreditar - Associação de Pais e Amigos das Crianças com Cancro e tem colaborado em diversos projectos fotográficos em parceria com as câmaras municipais do Montijo e de Cascais. O seu próximo desafio artístico será precisamente nestes espaços com exposições agendadas para o dia 5 de dezembro, Dia Internacional do Voluntariado, que cruzam o compromisso social com o acto criativo.